



Poços de Caldas

3º Congresso Nacional de Educação

AUTOESTIMADE CRIANÇAS E ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADAS DE RIO BRANCO – ACRE

Marisol Pinheiro Damasceno¹; Neméia de Oliveira Farias²; [Aguinaldo Souza dos Santos](mailto:aguinaldo.souza.dos.santos@gmail.com)³; Jaqueline dos Santos Valente Barros⁴; Cinthia Fernanda da Fonseca Silva⁵

Eixo Temático: **Ética, direitos humanos e cidadania**

Resultado de Pesquisa

RESUMO: É crescente o número de estudos que avaliam a importância da autoestima nos países desenvolvidos, destacando-se os indicadores de saúde mental. **Objetivo:** Avaliar a autoestima de crianças e adolescentes institucionalizadas de Rio Branco – Acre. **Metodologia:** Pesquisa realizada com 14 crianças e adolescentes institucionalizadas na faixa etária entre 09 e 17 anos de idade, do gênero feminino. Para a classificação da autoestima utilizamos a Escala Janis-Field de inadequação de sentimentos (NOGUEIRA, 2002). **Resultados:** entre as abrigadas da Casa Lar Ester, 57% apresentaram baixa autoestima e 43% normal autoestima enquanto que as abrigadas da Casa Dr.^a Maria Tapajós 28,5% apresentaram baixa autoestima e 71,5% normal autoestima. **Conclusão:** A maioria das abrigadas apresentaram uma autoestima normal.

Palavras - Chave: autoestima; crianças e adolescentes institucionalizadas; situação de risco.

INTRODUÇÃO

O Brasil, como um país em desenvolvimento possui um grande número de crianças e de adolescentes nas mais distintas situações de risco. Existindo, desta forma, aquelas trabalhadoras, as exploradas sexualmente, as deficientes, as envolvidas com a rua, as discriminadas pela identidade étnica ou religiosa ou por gênero, as em conflito com a lei e as institucionalizadas (ABREU, 2002).

O município de Rio Branco possui duas casas com medidas de proteção à criança e adolescente em situação de risco, do gênero feminino: Casa Lar Ester e Casa Dr.^a Maria Tapajós. Ambas as “casas abrigos” acolhem meninas de zero a dezessete anos de idade que são encaminhadas pelo Conselho Tutelar da Infância e Adolescência,

1Bacharel em Educação Física (UFAC). marisol.profissional@gmail.com

2Doutoranda em Educação (UFPR). Grupo de Pesquisa em Envelhecimento Humano (GPEH)

nemeiafarias@hotmail.com, Bolsista Capes.

3Doutorando em Educação (UFPR). Centro de Pesquisa em Educação e Pedagogia do Esporte (CEPEPE)

aguisouza@uol.com.br Bolsista Capes.

4Doutoranda em Educação (UFPR). CEPEPE. jaqueline.ufac@hotmail.com, Bolsista Capes.

5Mestranda em Educação (UFPR). Membro Grupo de Pesquisa em Envelhecimento Humano (GPEH).

fisioterapiacinthia@gmail.com

Ministério Público e Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS). As “meninas” atendidas nestes abrigos são vítimas de abuso ou exploração sexual e geralmente chegam a estes marcadas por traumas e vários tipos de problemas psicológicos e até físicos. O abuso (ou violência) sexual deixa marcas profundas, principalmente na constituição psicológica das vítimas, além é claro das lesões físicas. A maioria dos abusadores são parentes próximos, como pai ou padrasto e o trauma é agravado, pois a expectativa de proteção e cuidado referentes a esses “modelos” de autoridades são destruídos ou frustrados, causando em muitas vítimas um misto de depressão e revolta (BATISTELA, 2010).

Estudos sobre autoestima apontam em sua grande maioria para influências presentes em nossa infância (ROSENBERG, 1983; COOPERSMITH, 1967 apud MAIA, 2005). Um amplo estudo realizado por Coopersmith sobre autoestima, aponta como fatores importantes na construção da autoestima: “a) o valor que a criança percebe dos outros em direção a si, expresso em afeto, elogios e atenção; b) a experiência da criança com sucessos ou fracassos; c) a definição individual da criança de sucesso e fracasso, as aspirações e exigências que a pessoa coloca a si mesma para determinar o que constitui sucesso; e, d) a forma da criança reagir a críticas ou comentários negativos” (GOBITTA; GUZZO, 2002 apud MAIA, 2005).

Diante do exposto, temos como objetivo avaliar a autoestima de crianças e adolescentes institucionalizadas de Rio Branco – Acre.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva. A pesquisa foi realizada com 14 crianças e adolescentes institucionalizadas na faixa etária entre 09 e 17 anos de idade, do gênero feminino, abrigadas nos dois únicos abrigos de medidas de proteção às crianças e adolescentes vítimas de exploração e abuso sexual na cidade de Rio Branco – Acre.

Para a classificação da autoestima, utilizamos a Escala Janis-Field de inadequação de sentimentos (NOGUEIRA, 2002) composta por 20 questões objetivas que avaliam a frequência de sensação de incapacidade de fazer algo, preocupação sobre a opinião dos outros sobre elas, se conseguiam lidar bem com as pessoas desconhecidas, se sentiam-se bem sucedidas e confiavam nas suas próprias capacidades. A avaliação dos pontos foi feita de acordo com a frequência de resposta e quanto mais a pontuação se aproximasse de 100, melhor a autoestima. A classificação da autoestima sugerida pela autora desse estudo foi a seguinte: baixa: 0 a 45 pontos; normal: 46 a 70 e alta: 71 a 100 pontos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre as abrigadas da Casa Lar Ester 57% apresentaram baixa autoestima e 43% normal autoestima enquanto que as abrigadas da Casa Dr.^a Maria Tapajós 28,5% apresentaram baixa autoestima e 71,5% normal autoestima. Nenhuma das duas instituições apresentou abrigada com alta autoestima. Os resultados observados na Casa Lar Ester corroboram com o que Batistela (2010) demonstrou em estudos realizados na mesma instituição, onde diz que “a baixa autoestima é evidente na maioria de crianças e adolescentes vítimas de abuso ou exploração sexual que vivem no abrigo”.

Os resultados ainda confirmam pesquisas realizadas sobre a autoimagem corporal de crianças institucionalizadas, onde enfatizam a institucionalização em si como causadora de mudanças emocionais e de autoestima em suas vidas, pois as experiências vivenciadas pela criança ou adolescente ao viver fora de seu lar têm interferência significativa na sua imagem corporal e posterior autoestima, sendo

inegável que a institucionalização afeta o seu autoconceito, provavelmente pela intensidade do impacto dos fatores sócio afetivos inerentes a essa vivência.

A identidade da criança, seja ela institucionalizada ou não, está em permanente construção edificada através do contato com o outro (RÊGO; LIMA; AMAZONAS, 2006).

A maioria das meninas investigadas apresentou uma autoestima normal, resultando em uma surpresa para os autores deste trabalho, sabendo que estudos de Knell e Ruma (1999) e Batistela (2010) dizem que a maioria de crianças e adolescentes, vítimas de exploração e abuso sexual, abrigadas em instituições, apresentam uma baixa autoestima.

CONCLUSÃO

Apesar de um percentual considerável das abrigadas da Casa Lar Ester terem apresentado baixa autoestima (57%), quando seu percentual de autoestima normal é somado aos da casa Dr.^a Maria Tapajós, a maioria das meninas investigadas apresentam uma autoestima normal.

É importante ressaltar que, se para qualquer pessoa há uma importante significância em sentir-se bem, seja no bem estar físico (praticando exercícios físicos e mantendo uma alimentação saudável) ou no bem estar psicológico (com uma autoestima favorável), essas “meninas” merecem sempre uma atenção redobrada por parte da sociedade e dos profissionais de qualquer área que possa cooperar para o bem estar delas.

Pois sabemos, que os traumas de um abuso ou exploração sexual acarretam sequelas que duram por muito tempo (na maioria dos casos, até por toda a vida). Então, levar essas crianças e adolescentes, que já vivem longe do convívio familiar, a se sentirem melhor ou felizes, através de um bem estar (físico ou psicológico) é um dever social e de qualquer profissional que procura fazer uma diferença significativa na vida de “outros” através de sua profissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVANCI, J. Q. ET. AL. Adaptação Transcultural de Escalada de Auto-Estima para Adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 3, p. 397-405, 2007.

ABREU, S. R. Crianças e adolescente em situações de risco. **RevBrasPsiquiatr**, v. 24, n.01, p. 5-6, 2002.

BATISTELA, D. **A Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes**. São Paulo: Editora Reflexão, 2010.

KNELL, S. M.; RUMA, C. D. Terapia do jogo com crianças sexualmente abusadas. In M. Reinecke, F. Dattilio, e A. Freeman (Orgs.), **Terapia cognitiva com crianças e adolescentes - manual para a prática clínica**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

NOGUEIRA, A. B. L. **Criatividade, auto-estima e rendimento acadêmico: um estudo com universitários de psicologia**. 2002. Tese doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

RÊGO, E. M. G.; LIMA, A. O.; AMAZONAS, M. C. L. A. Crianças institucionalizadas: uma outra identidade possível? **Encontro: Revista de Psicologia**, v. 10, n. 13, p. 1-22, 2006.